

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

LEITURAS DE FORMAÇÃO.

CORAÇÃO, de Edmundo De Amicis (1886)¹

Maria Helena Camara Bastos²

INTRODUÇÃO

“Os Srs. Alves & C., que são os nossos maiores editores escolares, deram à publicidade no ano findo os seguintes livros: *Curso de geografia geral, Elementos de cosmografia, Rudimentos de corografia e Geografia Atlas* de Couturier, todos pelo Sr. João Ribeiro, o *Coração* de Ed. De Amicis, essa obra-prima dos livros de leitura”.

José Veríssimo, 1891.³

A Livraria e Editores Francisco Alves⁴ publica “*Coração. Diário de um menino*”, de Edmundo De Amicis⁵ (1846-1908)⁶, em 1891, poucos anos após sua publicação na Itália. Na primeira edição brasileira, a obra é apresentada como um *notável livro de educação moral e*

¹ Artigo originalmente publicado com o título “Educação do caráter nacional: leituras de formação”, na *Revista Educação & Filosofia*. Uberlândia, volume 12, nº23. Jan./Jun. 1998. Versão revista e ampliada.

² Doutora em História e Filosofia da Educação; Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Pesquisadora do CNPQ.

³ In: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. P.155

⁴ Sobre a Francisco Alves e sua editora, ver BRAGANÇA, Aníbal Francisco Alves. *Eros pedagógico: a função editor e a função autor*.

⁵ A edição brasileira adota a grafia portuguesa do nome italiano Edmondo De Amicis.

⁶ Edmondo de Amicis (1846-1908). Escritor italiano. Cursou a Escola Militar em Modena. Tomou parte na guerra Austro-Prussiana e permaneceu no exército até a ocupação de Roma em 1870. Foi diretor do jornal *A Itália Militar* de Florença (1867); publicou sua primeira obra “*A Vida Militar*”, em 1868, com histórias da vida dos soldados. Este livro alcançou imediato sucesso. Em 1871, estabeleceu-se em Turim e empreende diversas viagens pela Europa e África. Tem uma extensa obra: *Novelas* (1872), *Recordações de 1870-1871* (1872), *Espanha* (1872), *Holanda* (1874), *Marrocos* (1875), *Constantinopla* (1877), *Recordações de Paris* (1878), *Poesias* (1880), *Os amigos* (1882), *Coração* (1886), *O Portão da Itália* (1884), *Sobre o Oceano* (1889), *Romance de um Professor* (1895), *A Professora dos Operários* (1895), *O Carro de Todor* (1899); *Memórias* (1899), *Esperança e Glória* (1900), *Socialismo e Pátria*, *Os Inimigos do Socialismo*, *Idioma Gentil* (1905). Suas obras expressam uma centralidade em três focos: a pátria, os jovens na fase da escolarização e a população pobre. Monarquista moderado, depois de 1890, torna-se um ardente socialista que coloca sua notoriedade a serviço das vítimas de seu tempo – os trabalhadores e os imigrantes – sem deixar de se interessar pela escola e pela língua italiana.

cívica - obra-prima dos livros de leitura. Foi sistematicamente reeditada pela Francisco Alves até 1968, quando registra a 53ª edição⁷.

Esta obra influenciou nossos autores de literatura infanto-juvenil⁸ e ainda é recomendada como livro de leitura para crianças/meninos de 9 a 13 anos - *evangelho de muitas gerações*, presenteado como prêmio aos alunos destacados na Escola⁹.

Coração tem sido amplamente lido e adotado na escola, decorridos mais de cem anos¹⁰. Para D'Ávila “*a poderosa influência que esse livro exerceu sobre o leitor brasileiro de todas as idades, não foi igualada por nenhum livro. Livro objetivo, puro, generoso e honesto que comoveu o mundo todo. O Brasil inteiro, principalmente a geração que iniciou este século, aprendeu a lição do trabalho, do patriotismo, da virtude e da generosidade através das páginas inesquecíveis do livro admirável. Padrão de literatura didática, a que o gênio De Amicis, num momento de inspiração criadora deu vida imortal*”.

O presente estudo pretende analisar a obra na perspectiva da formação das virtudes cívicas e morais, no fortalecimento do caráter nacional, no período da Primeira República. Nesse período, a educação moral, cívica e religiosa tornou-se o eixo das preocupações para os que almejavam o perene controle das relações e das estruturas sociais, como forma capaz de regenerar o País (Kuhlmann, 1996, p.228).

⁷ Não foi possível fazer um rastreamento de todas as edições da Francisco Alves e sua tiragem: 1891 (1ª edição); 1894 (4ª edição); 1920 (31ª edição); 1927 (37ª edição); 1940 (42ª edição); 1949 (44ª edição); 1954 (46ª edição); 1968 (53ª edição). Esse fato impossibilita fazer o que Roger Chartier (2002, p. 245) recomenda - “uma reconstrução rigorosa da história de sua composição e de sua impressão na oficina tipográfica”. Para ele, “a compreensão desse processo de produção do livro implica a descrição e a análise das características físicas dos exemplares conservados da edição (ou das edições) do texto considerado. (...) Esses dispositivos formais visam forçar a recepção, a controlar a interpretação, a qualificar o texto”.

⁸ Para PFROMM Neto (1974, p.174), *Coração* exerceu influência sobre nossos autores de livros de leitura, conforme se pode constatar nas obras de Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto, Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Scaramelli e outros. O livro escolar de José Scaramelli - *Coisas de Nossa Terra*, chegou a ser anunciado pelos editores como imitação do *Coração*, adaptada aos cenários e personagens nacionais. “*Coração Brasileiro*. Palestras morais e cívicas (1920)”, de Francisco Faria Netto, segue a mesma estrutura do livro de Amicis, com setenta e duas palestras – histórias vividas por um menino no cotidiano escolar. A estrutura da obra apresenta diferenças quanto: ilustrações; ao final de cada palestra, explicações do vocabulário; frases de pensadores famosos, com ênfase aos preceitos morais e cívicos; poemas, poesias e canções. Essa obra foi adotada pelos governos da Bahia e São Paulo para o segundo ano do curso primário. João Simões Lopes Neto (1865-1916) escreveu *Terra Gaúcha* (manuscrito) - uma história cívica do Rio Grande do Sul, em que o primeiro capítulo *Eu no colégio* teve, provavelmente, como modelo *Coração* de Amicis, do qual foi leitor (Tambara; Arriada, 2004).

⁹ O exemplar pesquisado (1954), na página de rosto, assinala que foi “Lembrança do Rotary Clube de Porto Alegre”, no concurso de “Melhor Companheiro de Aula”, no Grupo Escolar Antão de Faria, na turma da professora Edi Puger, em 26 de novembro de 1955. Está encadernado.

¹⁰ A Folha de São Paulo, de 12 de outubro de 1997 (p.3-9), cita *Coração* entre os livros estrangeiros mais vendidos nos anos 1920 e 1940, no Brasil.

Lajolo (1982, p.15), afirma que “*tradicionalmente o enfoque da literatura na escola brasileira tende a assumir a função de educação pela literatura. O caráter de modelo e exemplo do texto literário é constante na apresentação de manuais escolares de qualquer época. Isso acaba identificando literatura com preleções morais, cívicas e familiares. O texto literário torna-se privilegiado não pela sua dimensão estética, mas pela dimensão retórica e persuasiva, de veículo convincente de certos valores que cumpre à escola transmitir, fortalecer e gerar*”.

Entendendo a obra de Amicis como romance de formação (Bakhtin, 1992), pretende-se analisar a historicidade do processo discursivo relativo à educação do caráter nacional/formação das virtudes cívicas e morais do futuro cidadão, e refletir como o leitor mergulha nestas leituras e os seus efeitos formativos, a partir de suas recordações.

Leituras de formação ou aprendizagem são aquelas em que “*as instituições sociais como a família, a escola, a igreja, a fábrica, o hospital, pelas quais transita o herói da obra, procuram influenciá-lo, moldá-lo, direcioná-lo, segundo seus valores e normas específicas*” (Freitag, 1994, p.68). Rousseau e Durkheim acreditam na possibilidade de educar os jovens para a moral, como defendem a necessidade social dessa educação. Dessa forma, considera-se a obra *Coração* como uma *leitura de formação*, pois procura educar e moldar seus leitores, na perspectiva de *ensinabilidade da moral ou das virtudes*, como apresenta uma dimensão biográfica, na forma narrativa *confessional*, em que são relatadas as vivências e sofrimentos, as circunstâncias de vida e as experiências-chave da vida do autor narrador isto é, a representação de mundo dada pelo autor. É um *livro de leitura* com função moralizadora e intenção educativa, cívica, patriótica e social.

Ao centrarmos nosso estudo na obra De Amicis, acreditamos que esta obra constitui uma unidade discursiva produtora de *ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões* (Chartier, 1990, p.28), e ser representativa dos valores da *ilustração brasileira* quanto ao projeto pedagógico republicano de formação do *novo homem* para o *novo regime*: crença ilustrada nas virtudes da instrução moral e cívica, como forma de manter a ordem social.

LITERATURA E EDUCAÇÃO: leituras de formação.

O início da literatura infantil e juvenil brasileira, no final do século XIX, é marcado pelo transplante de temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira, com uma missão

formadora e patriótica, desde as traduções dos *Contos seletos das Mil e uma Noites*, *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, *Robison Crusoe*, *Coração*, e as versões abasileiradas de textos de Perrault, Grimm e Andersen. A literatura infantil lança mão, para arremunentação de seu público, do culto cívico e do patriotismo como pretexto legitimador. *Le tour de la France par deux garçons* (1877), de G. Bruno, e *Cuore* (1886), De Amicis, parecem constituir matrizes inspiradoras de obras que se transformaram em verdadeiras cartilhas de nacionalidade, como *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bonfim; *Por que me ufano do meu País* (1901), de Afonso Celso¹¹, e outros tantos. O fortalecimento da escola, nas primeiras décadas republicanas, e as campanhas cívicas em prol da modernização da imagem do País favoreceram o desenvolvimento da literatura infantil brasileira e o seu lastro ideologicamente conservador (Zilberman; Lajolo, 1986).

Veríssimo, em *A Educação Nacional* (1890), denunciava a *pobreza do nosso sentimento nacional* devido a *não haveremos jamais pensado em ter educação nacional*. Como solução para esse problema, sugere a generalização da educação cívica em toda a instrução dada na escola, como condição fundamental à formação da cultura *moral e intelectual*. Para o autor, uma educação *para ser nacional precisa que inspire o sentimento de Pátria e que a dirija a um fim patriótico*. O fortalecimento do *sentimento nacional* exigia, também, a *educação do caráter*, entendida como *educação moral*, preceitos, regras, exemplos, conselhos, comentários morais de fatos da vida escolar e da história; e *educação física - que enrijece o corpo e solidifica a saúde*. *A educação do caráter é considerada como indispensável elemento da nossa educação nacional, deve ter por fim combater em todos nós tudo o que deprime o nosso caráter, desenvolvendo ao mesmo tempo as qualidades contrárias*. Nesta perspectiva, envolvia a *educação da vontade e o desenvolvimento do espírito de disciplina, de simpatia, de solidariedade*, destacando como responsáveis por essa *missão*: a Família, a Escola, a Sociedade, as Religiões, a Política, a Literatura, a Ciência e a Arte.

O autor considera a *literatura* e a *leitura* importantes dispositivos para a *educação cívica e moral*, e, ao assinalar a ausência de uma *cultura cívica assim como moral*, acusa o livro de leitura - *a mola real do ensino* - como o grande responsável por essa situação. Transcrevendo suas palavras para melhor perceber o sentido: *“são os escritores estrangeiros que, traduzidos, trasladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da*

¹¹ Sobre, ver: BASTOS, M.H.C. Amada pátria idolatrada: um estudo da obra *Porque me ufano do meu país*, de Afonso Celso (1900).

mocidade. Seja-me permitida uma recordação pessoal. Os meus estudos feitos de 1867 a 1876 foram sempre em livros estrangeiros. Eram portugueses e absolutamente alheios ao Brasil os primeiros livros que li. O Manual Enciclopédico de Monteverde, a Vida de D. João de Castro, de Jacinto Freire(!), os Lusíades, de Camões e, mais tarde, no Colégio de D. Pedro II, as sete seletas portuguesas de Aulete, os Ornamentos da Memória, de Roquete - foram os livros em que recebi a primeira instrução. E assim foi sem dúvida para toda a minha geração”. A partir dessa constatação, Veríssimo sugere como uma das mais necessárias reformas a do livro de leitura: “cumpre que ele seja brasileiro, não só feito por brasileiros, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que anime”.

Esta recomendação encobre uma contradição, pois ao mesmo tempo em que sugere o *abrasileiramento* do livro de leitura, permite *traslados* e *reproduções* de autores estrangeiros. Nesta perspectiva, situa a exceção que faz à obra *De Amicis Coração, livro para rapazes*, que na Itália, em quatro anos, teve 101 edições, o que comprova o seu significativo papel e sua necessária adoção na escola brasileira.

José Veríssimo publica, na *Revista Pedagógica*¹² de fevereiro de 1892, um extenso artigo sobre a obra *De Amicis*, intitulado *Educação Nacional (a propósito de um livro italiano)*. Na quarta edição brasileira, de 1894, é incluído com o título *Um estudo sobre De Amicis*, em que explica essa exceção: *O livro é eminentemente italiano, na sua inspiração e na sua concepção, no seu objeto e no seu fim, no seu espírito e na sua idéia dominante e exclusiva. Eu não sei de nenhuma escola que possua hoje um tão acabado manual de educação moral e cívica. Ao escolar brasileiro, ele ensinará a moral mais elevada e simpática; mas não lhes falará senão de uma pátria que eles não conhecem nem podem amar e cuja vida e cujas glórias, cujas lutas e triunfos, lhe são indiferentes. Para a nossa escola fica, portanto, perdido o máximo valor desse livro. O que lhe convinha não era uma tradução, mas uma adaptação ou imitação. Mas toda imitação de um livro tal não será um pastiche?*

A ênfase da argumentação do autor recai no que considera “*a lacuna fundamental da nossa educação pública: a ausência de um ideal - o sentimento nacional*”, o que autoriza a importação de um sentimento nacional, por paradoxal que possa parecer. O sentimento

¹² Sobre a *Revista Pedagógica* (1890-1896/1919), ver: BASTOS, M.H.C. *Pro Pratia Laboremus*. Joaquim José de Menezes Vieira.

nacional é considerado *o elo mais sólido da nacionalidade e o mais certo estímulo aos cidadãos*. Portanto, o livro de *Edmundo de Amicis* será um dos mais fortes elementos da obra de reconstituição da Itália e, no ponto de vista exclusivamente escolar, me parece um dos mais bem feitos para inspirar às crianças o amor da pátria e o espírito de sua nacionalidade. A escola brasileira carece absolutamente de um livro que, ao menos pelos intuitos, dele se aproxime. (...) Ele vai correr as escolas brasileiras; além do puro vivificante sopro de bondade, de virtude, de moral que nelas espalhará, eu desejo que os meus jovens compatriotas, rio-grandenses ou paulistas, paraenses ou bahianos, fluminenses ou mineiros, do sul ou do norte, de leste ou de oeste, qualquer que seja a sua origem ou a sua classe, a sua raça, ou a sua condição, aprendam nele como se ama a pátria, como se admira os seus feitos e como se estima os que a fizeram grande, próspera e gloriosa, sem nenhum acanhado, preconceito de política e pondo acima da competência mesquinha dos partidos a sua imagem veneranda”. Nesta perspectiva, Veríssimo (1890) concebe o homem enquanto negação do sujeito que se constrói e reconstrói, ressaltando a concepção de objeto moldável, pelo exemplo e repetição.

Concomitante a esta explicação, o valor da obra também reside no fato de atingir as *emoções sociais*, através da *educação do caráter*, considerada a mais elevada forma da *educação moral*, que deve começar pela *educação das primeiras manifestações do altruísmo na criança*. *Cumprir desenvolver e educar nelas a afeição, a necessidade de carícias, a compaixão pelo sofrimento, a liberalidade e simpatia*. Nesta tarefa, a família, em estreita comunhão com a escola e a sociedade em geral, *além da educação da vontade e do desenvolvimento do espírito de disciplina, de simpatia, de solidariedade, tem ainda de atacar a mentira - que é talvez a mais saliente das nossas taxas nacionais -, a dissimulação e o medo, não só diretamente, como desenvolvendo e estimulando a coragem, a verdade e a franqueza*.

A publicação deste artigo, em um livro destinado a *meninos de nove a treze anos*, possibilita pensar que não era lido somente pelos meninos, mas também pelos adultos – pais e professores. Esse fato pode ser constatado no comentário de Humberto de Campos, em seu livro de *Memórias 1886-1900*, quando afirma que “*esse livro constituiu um acontecimento, em Paraíba. Depois de ‘Genoveva de Barbante’, não sei de outro que derramasse tanta lágrima em nossa casa e despertasse maior interesse, no círculo de nossos íntimos. Os meus*

companheiros pediam-no, para mostrar aos pais. As senhoras mandavam pedi-lo, por empréstimo, à minha mãe”.

Podemos acompanhar a inserção do livro e o prestígio do autor na sociedade brasileira a partir de informações divulgadas na *Revista Pedagógica*, órgão oficial do *Pedagogium*. No número 7, de 15 de abril de 1891, é anunciado que foi “*aprovado pelo Conselho Diretor, a obra Coração, de Amicis, tradução de João Ribeiro, para as escolas primárias*”. Neste mesmo número, publica o capítulo *Os Pais de Alunos*, do *primoroso* livro de Edmundo de Amicis - *La novella de um maestro*. A Revista informa o leitor que “*iremos extraindo alguns capítulos que acreditamos serão devidamente apreciados pelos leitores*”. Esse fato evidencia o sucesso que o autor vinha tendo na Corte. Edmundo de Amicis já era conhecido do público brasileiro por sua *interessante colaboração* no *Jornal do Brasil*, pela *deliciosa* novela publicada “*A Mestra dos Operários*”.¹³

Também Raul Pompéia (1863-1895) tece comentários à obra, na crônica “*Lembranças da Semana*”, publicada no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 28 de setembro de 1891 (Pompéia, 1983). Iniciando com uma observação sobre a injustiça social com que são tratados os operários do mundo, destaca que, com a recente tradução da obra de Amicis, “*temos um belo ensejo de dar cumprimento a semelhante dever de justiça*” (p.383). Descreve a obra como um “*epítome de amor filial, de amor maternal, de respeito aos mestres, de ardente patriotismo, de singela abnegação para o bem, esse precioso resumo exemplar de um coração, que é Cuore*” (p.385).

Em 1892, a *Revista Pedagógica* inclui a obra na relação do *Movimento bibliográfico (Didactica)* relativo ao ano de 1891. Neste mesmo número, na parte *Annuncio*, apresenta a *Opinião da Imprensa sobre Coração*. A leitura do excerto de notícia publicada na *Gazeta de Notícias* nos informa que esse jornal foi responsável por torná-la popular, desde que publicou *algumas páginas desse encantador livro*, apresentadas ao leitor pelas mãos de Ramalho Ortigão. O *Folhetim do Jornal do Commercio* refere-se à obra “*mandada traduzir para as*

¹³ Outras obras De Amicis publicadas no Brasil: Holanda, tradução de ? (Francisco Alves, 1914); Marrocos, tradução de Manuel Pinheiro Chagas (Clube do Livro, 1947, com especial autorização da Livraria Francisco Alves). Na Biblioteca Central da PUCRS encontram-se vários exemplares da edição italiana de *Cuore* (1908, 1924, 1953, 1960), da edição Argentina – *Corazón. Diário de um niño*, tradução para o espanhol da 44ª edição italiana por H. Giner de los Rios, edição revisada pelo autor e autorizada para a Espanha e América (1910, ilustrada); e outras obras do autor: *La Vitta Militare* (1915); *Alla Gioventù – Letture Scelti dalle opere di Edmondo De Amicis*. Antologia scolastica e familiare per cura Dino Mantovani (1908); *Sull’Oceano* (1924). A edição de 1960 de *Cuore* informa que é de 3.065 *migliaio*. (A Biblioteca da PUCRS contém em seu catálogo 555 títulos editados pela Francisco Alves, o mais antigo de 1877).

crianças brasileiras como o epitome de amor filial, de amor maternal, de respeito aos mestres, de ardente patriotismo, de singela abnegação para o bem, esse precioso resumo exemplar de um coração, que é Cuore”.

Para Lajolo (1993, p.88 e 90), a ampla aceitação do livro De Amicis deve-se “*a grande simpatia que tais projetos estético-pedagógicos gozam junto às elites letradas fin-du-siècle. (...) O quadro de valores que suas narrativas endossam e propagam tem a nitidez das ortodoxias acima de qualquer suspeita; bem e mal, certo e errado, adulto e criança, são mundos estanques, que jamais se interpenetram*”. O discurso da obra De Amicis seduz as elites brasileiras que acreditavam que pela instrução - *moral e cívica* - do povo, atingir-se-ia a *regeneração do país*, condição essencial para a construção de um *ethos* capitalista moderno. A manutenção da ordem dar-se-ia, em grande parte, através da moral e da educação.

CORAÇÃO: diário de um menino¹⁴

Coração é editado pelos *Livres editores Alves & C.*¹⁵, em 1891. A tradução é realizada pelo *distinto literato* João Ribeiro¹⁶. Para o jornal *Gazeta de Notícias*, João Ribeiro *saiu-se galardamente da empresa*, por ser “*conhecedor profundo das duas línguas e hoje o mais autorizado mestre da nossa no Brasil, temperamento delicado de artista. Sua tradução é incomparavelmente superior às que a precederam, e é a única autorizada pelo ilustre autor,*

¹⁴ O original italiano, em todas as edições, traz o subtítulo – *Cuore. Libro par I ragazzi*. As primeiras edições brasileiras trazem o subtítulo – diário de um menino. Algumas edições consultadas, do século XX, não apresentam o subtítulo. A edição Argentina traz o subtítulo: *Corazón. Diário de um niño* (1910).

¹⁵ É interessante verificar as observações do Folhetim do *Jornal do Commercio* relativas à editora: “*como livreiros e como editores, os Srs. Alves & C, escrupulisam no seu negócio como na prática de um sério dever. Seus armários de divulgadores de obras de educação e de ensino não têm que se envergonhar de cargas de remorsos (pode-se-lhes fazer este reclame que é uma propaganda de seriedade). Suas edições principalmente se impõem pelo cuidado da mais honesta e lúcida escolha. E falando-se de suas edições é preciso acentuar que eles a pagam*” (*Revista Pedagógica*. Tomo 3, nº16/17, fev.1892). Sobre, ver: BRAGANÇA, Aníbal. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil (2000).

¹⁶ João Ribeiro - Nasceu em Laranjeiras, Sergipe, a 24 de junho de 1860, onde fez seus estudos de Humanidades. Em 1881, veio para o Rio de Janeiro com a intenção de matricular-se em uma de nossas academias, mas dedicou-se ao professorado como lente do colégio Almeida Martins, aplicando-se com todo ardor à lingüística, em que se tornou notável. Graduou-se, depois, em 1893, bacharel em Ciências Sociais na Faculdade Livre de Direito da Capital Federal. Exerceu o lugar de oficial da Biblioteca Nacional, onde passou, mediante o respectivo concurso, a professor do Ginásio Nacional. Cultiva as letras, é poeta e escreveu: *Idyllos modernos*, 1882; *Dias de sol*, 1884; *Avena e Cythara*, 1886; *Estudos philologicos*, 1884; *Morphologia e collocação dos pronomes*, 1886; *Exames de portuquez*, 1887; *Grammatica portuqueza* da infância, 1890; *Grammatica portuqueza* elementar: curso médio, 1888; *Grammatica portuqueza*: curso superior, 1888; *Diccionario grammatical*, 1889; *A instrucção publica*, 1890; traduz *Coração*, de Edmundo de Amicis, 1891; *Historia antiga*, 1892; *Ensino cívico; Discurso proferido*, 1893 (Blake, 1883-1902, p.34-35). João Ribeiro, em 1917,

tanto em Portugal como no Brasil” (Revista Pedagógica. Tomo 3, n. 16/17, fev.1892). A obra é vendida ao preço de 1\$500.

A tradução brasileira autorizada foi feita a partir da 101ª edição italiana (1888/89), conforme indicado na folha de rosto e confirmado por José Veríssimo (1892)¹⁷. Em 1925, João Ribeiro publica uma Advertência¹⁸, em que assinala que fez uma revisão da *nova tradução que apelidamos de brasileira (...). Feita para o Brasil, exclusivamente, como é em verdade a destinação de todos os livros brasileiros, a tradução agora revista oferece algumas correções úteis e necessárias*”. Essa advertência está presente ainda no exemplar de 1954. Paschoal Leme (1988) assinala que o exemplar por ele lido foi “*cuidadosamente corrigido segundo a 854ª edição(!)italiana*”.¹⁹

As edições da Francisco Alves não trazem ilustrações, diferentemente das edições italianas. A primeira edição italiana ilustrada da obra é de 1892, com quadros de Ferraguti, Nardi e Sartorio²⁰. Na edição brasileira, somente a capa apresenta uma gravura, que reproduz o quadro de Nardi, na última história *Adeus*, que retrata o beijo na frente de Garrone em Henrique no último dia de aula (figura 1).

Na primeira edição, o tradutor inclui uma *Advertência*, na qual transcreve o prefácio De Amicis à obra: “*Este livro é particularmente dedicado à infância das escolas elementares, às*

afirma que teve 150 edições dos seus livros didáticos, em torno de um milhão de exemplares, editados pela Livraria Francisco Alves (Hallewell, 1985, p211).

¹⁷ Além da tradução de João Ribeiro encontra-se outras edições da obra. Há uma edição pela Teixeira & Irmão, de 1891, com tradução de Valentim Magalhães (392p.). Essa tradução também é publicada pela Empresa Literária Universal (Lisboa/Portugal) com data de 1938. A Livraria Universal de Echenique Irmãos & C, de Pelotas (RS), publica *Coração* (a 4ª edição é de 1907, com tradução da 100ª edição italiana). Essa edição é uma cópia pirata da edição da Francisco Alves, sem fazer menção ao tradutor. Em 1968, Tecnoprint/Livro de Ouro passa a publicá-lo, com adaptação de Osmar Barbosa (155 páginas e ilustrações). Os exemplares consultados foram: da Livraria Francisco Alves - a 44ª edição – cuidadosamente revisada, de 1949; a 46ª edição, de 1954 (326 páginas); da Editora Hemus, com tradução de João Amêndola, de 1997 (230 páginas e ilustrações). Na propaganda da Editora Hemus, o livro *Coração. Diário de um aluno*, ainda disponível no Catálogo (R\$25,00), consta a seguinte apresentação “*obra-prima da literatura universal, Coração atinge profundamente a alma das pessoas, consegue comover o mais indiferente leitor. Não é um livro comum, não recorre ao pedantismo que se depara nos outros livros; é uma obra profundamente maravilhosa e inesquecível. Contém, por assim dizer, uma virtude fundamental, tomando-se, por isso, a literatura de várias gerações, e decorrido quase um século desde seu aparecimento continua a falar na alma de quantos têm sentimentos elevados. Dedicado aos meninos de nove a treze anos, faz chorar todos os outros, também comocrianças. Ilustrado, completo e não-adaptado*”. (<http://www.hemus.com.br/livro.asp?codigo=11146>)

¹⁸ A partir dessa edição, a Advertência de João Ribeiro será reproduzida em todas as edições da obra.

¹⁹ Provavelmente, foi a edição de 1927, em que constam esses dados. As edições italianas consultadas não apresentam o número de edição, mas a tiragem em milhares de exemplares: 1908 – 415ª *migliaio*; 1924 – 1314ª *migliaio*; 1953 - ?; 1960 – 3065ª *migliaio*. Na Itália, o livro alcançou a marca de um milhão de exemplares em 1920.

²⁰ A edição francesa de 2001 traz essas ilustrações, quatorze quadros em preto e branco. Destacam-se os quadros do Conde Cavour e de Giuseppe Mazzini.

crianças entre 9 e 13 anos, e poderia chamar-se “história de um ano escolar, escrita por um aluno de terceira de uma escola municipal de Itália”. Dizendo escrita por um aluno de terceira, não quero dizer que ele propriamente a tivesse escrito tal qual é impressa. Notava ele dia a dia num caderno o que via, sentia e pensava, na escola e fora dela; e seu pai no fim do ano sobre aquelas notas organizou estas páginas por não alterar o pensamento e conservar quanto possível fosse as palavras do filho. Este, 4 anos mais tarde, andando já no Ginásio releu o manuscrito, acrescentou-lhe alguma coisa por sua própria conta, valendo-se da memória ainda fresca das pessoas e das coisas. Agora lêde este livro; ele vos dará prazer e vos fará bem, eu espero”²¹.

Para José Veríssimo (1892), o sucesso do livro deve-se por: *“falar à criança, aos escolares, de si próprios, de seus camaradas e colegas, de seus mestres, de seus pais, de seus jogos e brinquedos, de suas lições, de seus castigos e dos seus prêmios, da vida escolar, enfim, com todas suas cenas e todos os seus episódios (...); ser um livro original e que de nenhum modo se parece com o comum dos livros didáticos: não tem deles nem o aspecto pedantesco e doutrinário, nem tampouco o ar piegas, amaneirado e futil com que outros querem disfarçar, sob uma aparência de simplicidade, a incapacidade para fazer simples e bom. É realmente um livro singelo, verdadeiro, sombrio e eloqüente, porque, sem artifício de nenhuma sorte, fala ao sentimento e toca o coração que lhe deu o título e que, segundo a ingênua filosofia popular, que é a de nós todos, é a sede de todas as nossas emoções”*.

Coração, como o próprio nome sugere, pretendia a *educação do e pelo coração*. De Amicis considera que neste *orgão humano* residem os sentimentos, as emoções, a consciência, passíveis de serem influenciadas e ensinadas. *“O conceito fundamental do livro é de educar a mente e o coração dos jovens com exemplos de virtude, de abnegação e de coragem”* (De Amicis, p.7). Nesta perspectiva, virtudes e mensagens morais se entrelaçam em todo o texto, escrito em forma de *diário* de um aluno de terceiro ano, onde cada *estória* é uma lição de vida. O leitor é constantemente lembrado como *menino todo coração, rapaz de coração e honra*, que *Deus deu grandes dotes, só resta fazer bom uso deles*, espelhando-se no personagem-aluno Henrique²². No relato sobre *Uma Medalha bem dada*, o Inspetor escolar dirige-se ao

²¹ Essa explicação do autor está presente em todas as edições italianas, o que não acontece nas edições brasileiras consultadas do século XX.

²² Henrique poderia ser comparado, hoje, com o personagem Harry Potter: heróis em processo de formação e inserção social. Para Bakhtin (1992, p. 235), “a vida do herói e seu caráter se tornam de uma grandeza variável”, objetivando com seu exemplo a *formação* (transformação) *do homem*, do leitor. O romance de

aluno com estas palavras: “*não dou (esta medalha) somente à tua inteligência e à tua boa vontade, dou-a ao teu coração, à tua coragem, ao teu caráter de bravo e bom filho*”.

A obra é um retrato do cotidiano de uma escola pública para meninos, na Itália, nos anos de 1881 e 1882, período pós-unificação. O sumário é dividido pelos meses do calendário escolar, iniciado em outubro e finalizado julho. O autor entremeia os relatos das ocorrências de vida cotidiana - escolares e familiares, com *cartas dos pais e contos mensais*²³ - O Pequeno Patriota Paduano, O Pequeno Vigia Lombardo, O Pequeno Escrevente Florentino, O Tamborzinho Sardo, O Enfermeiro de Tata, Sangue Romanholo, Valor Cívico, Dos Apeninos ao Andes, Naufrágio -, com o objetivo de fortalecer o espírito cívico ou as virtudes morais, apelando para o sentimentalismo do leitor e por um otimismo distante da realidade. A intenção do autor é fazer com que o leitor sintá-se um *personagem* do texto, identificando-se com os personagens e com os eventos cotidianos narrados, para melhor apreender as *mensagens* morais e cívicas valoradas.

Ao longo de todo o livro, o *leitor-menino* é confrontado com os opostos, ou seja, como deve ou não ser, agir e pensar. Na prescrição das virtudes a serem adotadas na vida pessoal/social, o autor se refere àquelas condenadas pela sociedade. Assim, para valorizar as virtudes de *amor ao próximo, bondade, cortesia, lealdade, resignação, piedade, respeito, gratidão, solidariedade, compaixão, amor à Pátria, amor ao trabalho, busca da felicidade*, são condenadas as atitudes de *inveja, covardia, vaidade, usura, prepotência, impaciência, ira, orgulho, insolência, preguiça, vícios, soberba*. Textos temáticos reforçam a *aprendizagem* destas virtudes, tais como: “*Um rasgo de generosidade; Generosidade; Vaidade; A Vontade; Gratidão; Inveja; Esperança; Sacrifício; Amor da Pátria; Bons Propósitos; Soberba*.”

Atitudes e valores cívicos são apresentados através de diferentes premissas prescritivas: “*quem respeita a bandeira quando criança saberá defendê-la quando homem*”; de cartas do pai (*Amor à Pátria*); de contos mensais (*O Tamborzinho Sardo, O pequeno vigia Lombardo, O pequeno patriota paduano, O valor cívico*) e de temas de aula (*Os funerais de Vitório Emanuel, Os soldados, O menino calabrês, O Conde de Cavour, Rei Humberto, José Mazzini, Garibaldi, O Exército*)²⁴.

educação/formação caracteriza-se por apresentar o herói/personagem em processo de aprendizagem/de formação.

²³ No sumário da obra, os contos mensais são destacados com letras maiúsculas.

²⁴ Pécout (2001, p. 367) considera a obra um “retrato otimista do exército italiano: sua missão educativa em tempos de paz como em tempos de guerra, a imagem interclassista e solidária que oferece da sociedade

A exaltação do trabalho é recorrente: *“o trabalho não suja. Deves dizer: tem na roupa os sinais, as marcas do seu trabalho; ânimo, ao trabalho, com toda a alma e com todos os nervos; ao trabalho que me tornará o repouso doce, os divertimentos agradáveis, o jantar alegre; ao trabalho que me restituirá o bom sorriso do meu professor e o beijo abençoado do meu pai”*. No texto *“Os Feridos do Trabalho”*, o autor faz uma analogia exaltatória dos operários como *soldados em batalha* e dá uma aula ao leitor de educação de classe social: *“vê os homens das classes superiores são os oficiais, e os operários são os soldadinhos do trabalho, mas assim como na sociedade como no exército, não somente o soldado não é menos nobre do que o oficial, porque a nobreza está no trabalho e não no ganho, no valor e no grau”*. No relato sobre *“A Distribuição de prêmios aos Operários”*, alunos das escolas noturnas profissionais, o autor reforça a intenção de valorização do trabalho: *“eu sentia algo de inexprimível no coração, como um grande afeto e um grande respeito, ao pensar quanto haviam custado esses prêmios a todos os trabalhadores, pais de família, cheios de preocupação, quantas fadigas ajuntadas às suas fadigas, quantas horas roubadas de sono, de que tanto necessitam, e quantos esforços de inteligência não acostumada ao estudo e das mãos grossas, endurecidas pelo trabalho”*. De Amicis perpassa uma visão idealista de sociedade que minimiza os conflitos, as injustiças e as diferenças sociais.

A valorização da escola e do estudo, do esforço que permite *“subir de posição graças ao estudo e às privações”*. A exaltação do professor parte do reconhecimento de seu papel social: *“ama o teu professor, porque pertence àquela grande família de cinquenta mil mestres elementares; espalhados pela Itália toda, e que são como os pais intelectuais de milhões de rapazes que crescem contigo, os trabalhadores mal distinguidos e mal recompensados, que preparam para o nosso país um povo melhor que o atual”*. No texto *“O Conde de Cavour”* são reproduzidas suas palavras no leito de morte, o que dá mais dramaticidade ao dito: *“educai a infância e a juventude... governai com liberdade”*. A diferença social é sinalizada pelos estudos, naturalizando-a: *“terminada a quarta série, irás para o ginásio, eles serão operários. Quando estiveres na Universidade ou no Liceu, irás procurá-los nas suas lojas ou nas suas oficinas, e provarás um grande prazer ao encontrar os teus companheiros de infância - homens no trabalho”*.

nacional e o paralelo entre valores militares e patrióticos, de um lado, e valores individuais e familiares, de outro lado”.

O livro faz referência constante às inovações implantadas com a República Italiana, tais como: a ampliação das escolas públicas; de escolas noturnas para operários; atendimento especial para cegos, surdos-mudos; de asilos infantis. A intenção é de exaltação do progresso e a necessidade de ordem, que permeiam toda a leitura: “*este movimento (escolar) é o progresso, a esperança, a glória do mundo*”. Nesta ação, o autor trata dos *excluídos* da sociedade: “*os pobres, o preso, as crianças raquíticas, a surda-muda, os meninos cegos, o asilo infantil*”, mostrando as desigualdades sociais de forma naturalizada, já que percebe o mundo dividido em dois: pobres e ricos.

Coração expressa uma moral válida para todos, moral que exalta o sacrifício e o trabalho, o respeito à hierarquia social e à fraternidade humana. A exaltação do valor patriótico e social, a abundância de bons sentimentos, o espírito humanitário de viés paternalista, faz com que sua leitura desperte sentimentos ideais para uma sociedade idealizada.

MEMÓRIAS DE LEITURAS

Com a intenção de perceber a adoção e apropriação²⁵ dessa obra, procuramos em *livros de memórias* pistas que nos permitissem analisar o significado de sua leitura - o processo de construção de sentido²⁶, a partir de sua inclusão nas *recordações* que marcaram os primeiros anos na Escola. Ou seja, o poder de influência do conteúdo do livro sobre o leitor, a aceitação dos fatos e situações *representadas*²⁷.

O fato de apelar para o sentimento e afetividade do leitor, utilizando o relato de episódios com grande dramaticidade, para impressioná-lo, parece importante verificar o impacto causado em *ilustres leitores*, ou seja, “*face a um texto, historicamente é produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação*” (Chartier, 1990, p.131). Para Lajolo (1982, p.106), “*a história da literatura de um povo é a história das leituras de que foram*

²⁵ “*Pensar as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturante os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas. O ato de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem nos comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los. A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são o objeto fundamental da história cultural*” (Chartier, 1990, p.137).

²⁶ Para Bourdieu (1985) “*um livro muda pelo fato de não mudar enquanto o mundo muda, enquanto muda o seu modo de leitura*” (apud Chartier, 1990, p.131).

objeto os livros que integram o corpus dessa literatura. (...) numa concepção de leitura que a vê ao mesmo tempo como instituição e como prática coletiva parece que se pode privilegiar a reflexão sobre a natureza e o percurso social da leitura”.

Manuel Bandeira (1886-1968), em seu livro de memórias intitulado *Itinerários de Pasárgada* (1954, p.12), assim lembra sua leitura de *Coração*: “*não posso deixar de evocar aqui as horas de intensa emoção, as primeiras provocadas por um livro lido com os meus olhos, e foi esse livro o Cuore De Amicis, na tradução de João Ribeiro. Era eu semi-interno no Colégio de Virgínio Marques Carneiro Leão, à Rua da Matriz. Depois de certa hora os alunos externos voltavam para as suas casas e eu ficava sozinho na grande sala dos fundos do edifício. O Coração era o livro de leitura adotado na minha classe. Para mim, porém, não era um livro de estudo. Era a porta de um mundo, não de evasão, como o da “Viagem à roda do mundo numa casquinha de nozes”, mas de um sentimento misturado, com a intuição terrificante das tristezas e maldades da vida”.*

Humberto de Campos (1886-1934), em *Memórias 1886-1900*, assim assinala suas recordações da obra *De Amicis*: “*foi por esta época (1896), se bem me recordo, que meu tio Antoninho mandou à família, de Belém, além de outras cousas preciosas, uma dúzia de latas de leite condensado, e a mim, um exemplar cartonado do Il Cuore, de Edmundo D’Amicis, na tradução portuguesa de João Ribeiro. Esse livro constituiu um acontecimento, em Paraíba. Depois de “Genoveva de Brabante”, não sei de outro que derramasse tanta lágrima em nossa casa e despertasse maior interesse, no círculo dos nossos íntimos. Os meus companheiros pediam-mo, para mostrar aos pais. As senhoras mandavam pedi-lo, por empréstimo, à minha mãe”.*

Paschoal Leme (1904-1997), em suas *Memórias* (1988), no capítulo sobre *Leituras e Livros* faz um significativo relato sobre a obra: “*A iniciação, o acesso à leitura, em geral, se fazia no nível da escola primária, através dos próprios livros de leitura de classe, que, no meu tempo, incluíam entre os autores, grandes nomes da literatura nacional e estrangeira. Desse período, guardo as mais vivas recordações daquele livro extraordinário que é O Coração, de Edmundo de Amicis, obra-prima da sensibilidade e que encantou muitas gerações de meninos, aqui e em todo mundo. Traduzido por João Ribeiro e cuidadosamente corrigida segundo a 854ª edição (!) italiana, impresso em papel barato, de jornal, e editado*

²⁷ Parte desta consulta foi realizada em ALENCAR, Joelma S. de. *Flagrantes da Vida Escolar Brasileira - final do século XIX e início do século XX. (Relatos Autobiográficos)*

pela Livraria Francisco Alves, de apresentação, portanto, mais do que modesta. Neles, defrontávamos com aquelas cenas tão singelas da vida escolar, retratando exatamente as situações que nos eram familiares, com professores, alguns dedicados até os extremos de sacrifícios e bondade, outros amargos, carregando seus problemas íntimos, como homens e mulheres que eram; os colegas, alguns excepcionais, capazes de grandes ações estudiosos aplicados, outros grosseiros, covardes, imperdinentes e até brutais e ainda outros apenas gaiatos, brincalhões, sempre prontos para uma traquinada: um Garrone, um Derossi, um Carlos Novis ou o desalmado Fronti. Havia também os contos mensais, que nos emocionavam até as lágrimas: o patriotazinho de Pádua, O limpador de chaminés, O pequeno vigia Lombardo, O pequeno escrevente florentino, Dos apeninos aos Andes, Sangue romanholo, e tantos outros. E também havia aquelas cartas, assinadas por Teu pai ou Tua mãe, dirigidas ao protagonista e narrador do livro, Henrique, da classe média, cartas que nos tocavam fundo com seus conselhos, suas reprimendas, suas advertências, mas sempre repassadas de amor e de carinho pelo filho querido que se preparava para a vida na escola. Não será demais, nestas Memórias, transcrever aqui uma dessas cartas - “Os amigos operários”, onde se revela o caráter desse livro, único no mundo, hoje completamente esquecido e fora do alcance dos nossos escolares, cujo alimento espiritual, desgraçadamente parece ter se resumido nas historietas em quadrinhos, alheias à nossa cultura, e tendo quase sempre por motivos a violência, o crime, o desamor”.

Pedro Nava (1903), em *Balão Cativo – Memórias/2* (1973), comentando suas leituras, assinala o presente - *contos melodramáticos* - que sua avó paterna lhe enviara com a seguinte dedicatória: “Pedro, não podendo mandar-te o meu mando o de Edmundo de Amicis. Tua, Nanoca”. A seguir, comenta as suas recordações da obra - “Era o Coração. Hoje tenho a impressão de que o livro, de um moralismo lacrimajante, é uma espécie de Contos Pátrios italianos. Mas naquela época, comoveu-me profundamente. Sofri com aquelas crianças e professores simbólicos, aquelas mães e pais emblemáticos. Depois é que vi que eles têm alguma coisa da intencionalidade e da esquematização inocente que Roland de Carvalho descobriu nos bichos da La Fontaine. Só que estes riem, invectivam, cantam e lutam, enquanto a fauna de Edmundo de Amicis só faz chorar e se comprazer no rimpianto”.

Raimundo Nonato da Silva (1907), em *Memórias de um Retirante* (1957), ao assinalar que fora alfabetizado aos treze anos, assim relata seu ingresso no mundo da leitura: “comprei um volume de segunda mão (...) O livro era edição elementar da famosa Gramática de João

Ribeiro, cuja primeira lição dizia assim: gramática é a arte que ensina a escrever e falar corretamente a língua portuguesa. No dia em que peguei no compêndio, meti logo esse conceito infeliz na cabeça, certo de que, com essa pequena noção, enveredava por novos caminhos do conhecimento. (...) Veio, logo depois, outro livro importante: O Coração, de Edmundo de Amicis, com suas belas lições e os contos mensais como “O Naufrágio” e “Dos Apeninos aos Andes”.

Paulo Mendes Campos (1922), nas recordações sobre suas *primeiras leituras*, também afirma que “*bonito foi o descobrimento de Coração de D’Amicis*”.

Coração também está presente no romance *Doidindo* (1933), de José Lins do Rego (1901-1957), o que permite depreender sua leitura e sua significativa valorização pelo autor, por incluí-lo na obra. O protagonista Carlinhos recorda “*o mundo ideal que gostaria de ter acesso, para escapar ao ambiente opressivo da escola do Professor Maciel*”, o qual estava retratado na obra De Amicis: “*seria para mim uma vitória abandonar aqueles cadernos amarelos. Mas o meu grande ideal de aluno estava no Coração. (...) Tudo me parecia passagens de um romance admirável. E como era diferente a escola de lá da do professor Maciel! Distribuíam prêmios, os professores falavam manso, não existiam palmatórias. O nosso colégio não se parecia com as escolas da Itália. (...) Todo este livro delicioso me chamava para as suas páginas. (...) A Seleta Clássica “era cheia de discursos, de versos. Mas o “Coração” estremecia a nossa sensibilidade de meninos, nos interessava naqueles conflitos que eram os nossos. Este livro de tanto amor à Itália me fez amar aos que eu não conhecia, aos estranhos, aos meninos sujos porque não tinham roupas limpas, aos heróis dos contos. A minha infância sem Júlio Verne e sem soldados de chumbo imaginou seus heróis como eram os do Coração, os seus grandes homens, os que morriam pela pátria e os que davam a vida pelos pais*”.

O conto de Marcos Rey – *Coração Roubado* – narra o desaparecimento do livro de Edmundo de Amicis, recebido do pai no último ano de primário²⁸.

Apresentado como um *livro para rapazes*, esses não foram os únicos leitores de *O Coração*. As mulheres também foram marcadas pela sua leitura - Adélia Pinto (1879-?), Laura Octávio (1894-1996) e Zélia Gattai (1916) o mencionam em suas autobiografias/memórias e diários (Lacerda, 2003).

Nas *recordações*, percebe-se uma exaltação marcante da leitura de *Coração*, na valorização das *lições de mundo* que estabeleceram um significativo diálogo com os *meninos brasileiros*, através das vias infalíveis do desejo, do sentimento e da emoção, na direção dos mais nobres ideais de *fraternidade e solidariedade humana*.

Monteiro Lobato, em carta dirigida a Godofredo Rangel em 1915, ao comentar a pobreza da literatura infantil brasileira, faz comentários sobre a obra: “*Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o Coração de Amicis - um livro tendente a formar italianinhos...*”.

Dora Lice, em seu livro autobiográfico - *O Calvário de uma Professora* (1927), faz uma veemente crítica à adoção da obra *De Amicis* na escola paulista dessa época, ao relatar uma aula que assiste: “*a professora lia com entusiasmo e alguma expressão para a classe reproduzir, um conto de Amicis, no qual descrevia com tintas fortes o patriotismo de um italianozinho. Explicava o fato tão ao vivo que a classe vibrava toda de patriotismo italiano, amando já a bela e valorosa Itália e desprezando o Brasil rústico e mesquinho que lhe era apresentado. Obrigada a ouvir tanta coisa revoltante, Hermengardarda sentiu-se mal. (...) Dirigindo-se para casa, pensava com tristeza: - para isso, para a completa desnacionalização da criança brasileira, paga o governo professoras estrangeiras!...*”. Essa fala destaca tanto os malefícios do estrangeirismo do conteúdo da obra, como um sentimento de animosidade contra os *estrangeiros*, descendentes de imigrantes no Brasil.

A imprensa periódica educacional e de cultura católica parece também utilizar excertos do livro de Amicis em suas publicações, como podemos comprovar na Revista *Auxilium*, porta-voz do Colégio Santa Inês de São Paulo (Instituto Educacional das Filhas de Maria Auxiliadora), em abril de 1951, orientando as práticas de leitura de suas jovens leitoras (Souza, 1996).

No estudo “*O Aprendizado da Ordem*”, que analisa textos adotados na disciplina “Comunicação e Expressão”, a partir dos manuais didáticos de 3ª e 4ª série do 1º Grau, em 1975, a autora destaca textos da obra de Amicis: *O primeiro dia de aula, O nosso professor*.

²⁸ Esse conto foi adotado no Concurso de Admissão na Escola Preparatório de Cadetes do Exército Brasileiro,

Esse fato revela que excertos da obra ainda estão presentes no cotidiano do aluno da escola brasileira, quando a obra não é adotada mais como livro de leitura.

A ATUALIDADE DE *CORAÇÃO*: projetando idéias.

A obra *De Amicis* é um documento significativo de uma época - o *Risorgimento* (Itália Pós-Unificação), retratando a educação, a cultura e o projeto de nação de uma Itália liberal e burguesa. É exemplar significativo de uma maneira de escrever e entender o livro escolar e de leitura para meninos, visando uma alquimia perfeita das virtudes individuais, cívicas e patrióticas.

Coração ilustra as virtudes de uma educação fundada sobre os valores do coração. É uma publicação dedicada à escola: a uma pedagogia patriótica que acredita que a idéia de nação se aprende na família e nos bancos da escola pública, e a denúncia das duras condições de vida dos professores. A fé na escola como a única tradução humanista da nação se apóia sobre dois pilares, mais ideais que reais - a família e o Estado. Pécout (2001, p. 483), o interpreta como o *novo catecismo unitário que anuncia esperanças do Risorgimento*.

Traduzido em vinte e cinco línguas, editado em inúmeros países e em diferentes suportes²⁹ – França³⁰, Espanha, Argentina³¹, México, Colômbia³², Portugal, Chile³³, Japão, Iugoslávia, Inglaterra³⁴, Holanda, Marrocos, Noruega, Cuba e outros -, compartilha uma visão ideológica da sociedade e uma mensagem política de acordo com o sistema capitalista (Sprengelburd, 2002, p.231).

prova de português, em 1999.

²⁹ Na Itália, há duas adaptações cinematográficas da obra, sendo a mais recente de 1984. Há também uma adaptação para novela televisiva. Em 1976, foi realizado um desenho animado com o conto *De los Apeninos a los Andes*, intitulado Marco. Há também histórias em quadrinhos com o mesmo conto.

³⁰ Em 1892 é editado pela Delagrave, na França. Em 2001, foi reeditado, com dois ensaios de Umberto Eco, que expressa uma “profunda e espiritual aversão” pela obra: “*un exemple abject de pédagogie petite-bourgeoise, marquée par des intérêts de classe paternaliste, sadique et fin de siècle*». No entanto, «*la société italienne qui s'est formée sur le modèle de Cuore a continué à faire de ce livre un guide pour son action, même quand elle ne lisait plus. En d'autres termes, elle a continué à écrire Cuore; de sorte que cela n'a rien d'un divertissement gratuit que de lire l'histoire italienne récente comme un appendice à ce livre*” (ECCO, 2001).

³¹ Sobre a obra na Argentina, ver: SPRENGELBURD, Roberta Paula. De los Apeninos a los Andes: las lecturas de Corazón en la escuela argentina. A obra de Amicis também resultou em filme na Argentina: *La maestría de los obreros* (1942); *Corazón* (1947); *De los Apeninos a los Andes* (1960).

³² Gabriel Garcia Márquez (2003, p. 173), em seu livro de memórias sinaliza a leitura de Amicis - “*Eu, por meu lado, só levava livros que já tinha lido, e irrepetíveis: Jeromín, do Padre Coloma, que jamais cabei de ler; A Voragem, de José Eustasio Rivera; Dos Apeninos aos Andes, de Edmundo de Amicis; e o dicionário de meu avô, do qual lia trechos durante horas*”.

³³ No Chile é editado pela Gaiivota e consta como livro de leitura para meninos de 12 a 15 anos.

É também um importante testemunho de uma época de grande desejo e interesse educativo, civil e social: “*de regeneração das consciências, de superação dos prejuízos e divisões seculares, em busca de uma integração lingüística, cultural e nacional.*” Assim, representou “*um instrumento poderoso de unificação cultural nacional sob a tutela intelectual da burguesia (...) com uma certa responsabilidade histórica pela propagação e perpetuação de uma ideologia, uma mentalidade e de hábitos educativos*” (Móbile, 1992, p. 131).

Umberto Eco (2001, p. 343) considera que o livro de Amicis expressa um humanismo paternalista – “nesse vasto oceano de lânguido melaço que se encontra em todo o diário de Henrique, nessa orgia de perdões fraternais, de beijos pegajosos, de abraços interclassistas, de recompensas forçadas e de pândegas máscaras que oferecem esmeraldas às meninas perdidas na multidão, entre as mães que se familiarizam, as professoras com caneta vermelha, os senhores que abraçam os carvoneiros e os maçons que pranteiam confusamente palavras de reconhecimento sobre os ombros de ricos proprietários, lá onde todos se amam, se compreendem, se perdoam, se lisongeam cada um mais do que o outro, (...) não aparece uma só vez uma palavra de ódio, de ódio sem reservas, sem arrependimentos e sem remorsos”.

Mesmo datada no século XIX, a obra permanece sendo reeditada e lida ao longo do século XX, como exemplar texto moralizante e como um documento histórico que permite múltiplas leituras.

A formação do cidadão para o cumprimento das normas/regras sociais destina-se a alcançar a harmonia individual e social. Nesta perspectiva, ontem como hoje, a educação do caráter nacional, isto é, do cidadão/cidadania, é o mote para os projetos de *modernidade/modernização* da sociedade. O progresso, a geração de bens/riquezas e a consciência da dignidade humana são os pilares do projeto educacional, que visa à conformação das gerações não permitindo o *devir* humano.

Neste início de século XXI, dominado por uma mutação ideológica e social, por um viés *conservador*, em que toda a sociedade está confrontada com a perda de valores, percebe-se a retomada da questão da *ensinabilidade e aprendizado das virtudes* - conteúdos moralmente formadores - que tem sido tratada em várias instâncias da sociedade, na perspectiva de (re)constituir o *coração do mundo sem coração*.

³⁴ É traduzido com o título *Heart*, em 1895; em 1899, passa a ser publicado com o título *Enrico's Schooldays*.

Coração contém pressupostos universais, que até hoje são requeridos. Este ideal de formação de um *homem mais humano* pressupõe o sentido de humanidade como valor ético e não moral (Rolnick, 1992). As virtudes são metas perenes da humanidade, o que muda é a concepção de homem - da moral ou da ética, e, dessa forma, a concepção de educação e ensino. A educação para o *homem ético* e não para o *homem moral*, é que deveria ser o grande desafio para a educação desse milênio.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Joelma S. de. *Flagrantes da Vida Escolar Brasileira - final do século XIX e início do século XX*. (Relatos Autobiográficos). São Paulo: USP/SP, 1996. (Dissertação de Mestrado)
- AMICIS, Edmundo de. *Coração. Diário de um aluno*. São Paulo: Hemus, 1997.
- _____. *Coração*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1954 (46ª edição).
- _____. *Verbetes. Enciclopédia Brasileira Mérito*. São Paulo: ed. Mérito, 1959. V. I, p. 591.
- AMICIS, Edmondo de; *Le Livre Coeur. Eloge de Franti*. Paris: Rue d'Ulm Ed, 2001.
- ÁVILA, A. *Práticas Escolares*. São Paulo: Saraiva, 1967.
- _____. *Literatura Infanto-Jvenil*. São Paulo: Editora do Brasil, 1968.
- BANDEIRA, Manuel. *Itinerários de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BASTOS, M.H.C. Amada pátria idolatrada: um estudo da obra "Porque me ufano do meu país", de Affonso Celso. *Educar em revista*. Curitiba/PR, n. 20/2002. pp. 245-260.
- BASTOS, M.H.C. *Pro Pratia Laboremus*. Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista/SP: Ed.USF, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BLAKE, Augusto V. A. Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: [s.n], 1883-1902.
- BRAGANÇA, Aníbal. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In: ABREU, Márcia (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/SP: Mercado de Letras; Associação de leitura do Brasil, 2000. pp.472-73.
- BRAGANÇA, Aníbal Francisco Alves. *Eros pedagógico: a função editor e a função autor*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes /USP, 2001. (Tese de Doutorado)
- CAMPOS, Humberto Veras. *Memórias* (1ª Parte- 1886/1900). São Paulo: W. M. Jackson, 1954.
- CAMPOS, Paulo Mendes. "Primeiras Leituras". In: LAJOLO, M e ZILBERMAN, R. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 213.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. *À Beira da Falésia. A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2002.
- ECO, Umberto [1962]. Éloge de Franti. In: AMICIS, Edmondo de. *Le Livre Coeur*. Paris: Rue d'Ulm Ed, 2001. p.337-350.
- ECO, Umberto [1973]. Franti strikes again. In: AMICIS, Edmondo de. *Le Livre Coeur*. Paris: Rue d'Ulm Ed, 2001. p.351-355.
- FARIA NETTO, F. *Coração Brasileiro*. Palestras moraes e cívicas. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, s/d. (2ª edição, 285p.)
- FREITAG, Bárbara. *O Indivíduo em Formação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil* (sua história). São Paulo: T.A.Queiroz, EDUSP, 1985.

- KUHLMANN Jr, Moysés. *As Grandes Festas Didáticas. A Educação Brasileira e as Exposições Internacionais (1862-1922)*. São Paulo: USP/FFCH, 1996. Tese (Doutorado em Educação)
- LACERDA, Lillian de. *Álbum de Leitura. Memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003.
- LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na Escola. Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LEMME, Paschoal. *Memórias*. Vol. 1. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1988.
- LICE, Dora. *O Calvário de uma Professora*. São Paulo: s/ed, 1927.
- LOBATO, M. *A Barca de CLEYRE*. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Viver parar contar*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- NOBILE, Angelo. *Literatura infantil e juvenil. La infancia y sus libros en la civilización tecnológica*. Madrid: Ed. Morata, 1992.
- NAVA, Pedro. *Balão Cativo. Memórias/2*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.
- PFROMM Neto, Samuel e outros. *O Livro na Educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.
- POMPÉIA, Raul. *Obras*. Volume IX. Rio de Janeiro: MEC/FENAME; Civilização Brasileira, 1983.
- PÉCOUT, Gilles. *Lê Livre Coeur: éducation, culture et nation dans l'Italie liberale*. In: AMICIS, Edmondo de. *Le Livre Coeur*. Paris: Rue d'Ulm Ed, 2001. p. 357-483.
- REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- REGO, Maria Filomena. *O Aprendizado da Ordem. A ideologia nos textos escolares*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- ROLNIK, Suely. *Cidadania e alteridade. Fala proferida no IV Encontro Regional de Psicologia Social, da ABRAPSO*. São Paulo, maio de 1992.
- SILVA, Raimundo Nonato da. *Memórias de um Retirante*. Rio de Janeiro: Irmãos Pangetti, 1957.
- SOUZA, Cynthia P. de. *A Educação pela leitura: registros de uma revista escolar*. São Paulo: FEUSP, 1996.
- SPREGELBURD, Roberta Paula. *De los Apeninos a los Andes: lãs lecturas de Corazón en la escuela argentina*. In: CUCUZZA, Héctor Rubén; PINEAU, Pablo (org). *Para una história de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina. Del Catecismo colonial a la Razón de Mi Vida*. Buenos Aires: Miño y Dávila srl, 2002. pp.228-251.
- TAMBARA, Elomar. *Bosquejo de um Ostentor do Repertório de Textos Escolares, utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil*. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.
- TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. *Um projeto pedagógico-cívico para a educação em João Simões Lopes Neto*. In: Anais do V Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da educação. História da Cultura Escolar: escritas e memórias ordinárias. Gramado: UFPel/ASPHE, 2004.
- VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- _____. *A Educação Nacional (a propósito de um livro italiano)*. *Revista Pedagógica*. Rio de Janeiro, tomo 3, nº 16/17, fev 1892.
- _____. *Um estudo sobre De Amicis*. In: AMICIS, Edmondo De. *Coração. Diário de um menino*. Rio de Janeiro: Livreros editores Alves & Cia, 1894.
- ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.